

CULTURA E PODER:
o simbolismo das relações
no mundo contemporâneo

Conselho Editorial
Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Gimima Silva
Lúcia Puga
Organizadoras

CULTURA E PODER:
o simbolismo das relações
no mundo contemporâneo

LETRCAPITAL

Copyright © Gimima Silva e Lúcia Puga (org.), 2019

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

CAPA Luiz Guimarães

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO Luiz Guimarães

REVISÃO Dos Autores

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C974

Cultura e poder: o simbolismo das relações no mundo contemporâneo / organização
Gimima Silva, Lúcia Puga. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.
106 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7785-502-5

1. Poder (Ciências sociais). 2. Cultura. 3. Ideologia. I. Silva, Gimima. II. Puga, Lúcia.

19-61985

CDD: 306.4

CDU: 316.74

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA
Telefax: (21) 3553-2236/2215-3781
letracapital@letracapital.com.br

Sumário

Reflexões possíveis sobre o concreto e o simbólico
na relação Cultura e Poder..... 7
Gimima Beatriz Melo da Silva

CULTURA, PODER E SIMBOLISMO:
SER NATURAL X SER SOCIAL NA AMAZÔNIA 13
Amazônia diante do confronto epistêmico entre a rede indígena e
o leito de procrusto: um ensaio irredento
em forma de notas filosóficas 15
José Alcimar de Oliveira

CULTURA, PODER E SIMBOLISMO
NA LITERATURA DE TESTEMUNHO 37
A literatura de testemunho na expressão poética
do Poeta Agostinho Neto 39
Airton Souza de Oliveira

CULTURA, PODER E SIMBOLISMO NA CONSTRUÇÃO
DE IDEOLOGIAS POLÍTICAS 61
A construção do “inimigo” vermelho e as origens
do anticomunismo no Exército Brasileiro 63
Adriano de Freixo
Luiz Otávio Monteiro Júnior

CULTURA, PODER E SIMBOLISMO
NOS FESTEJOS RELIGIOSOS NA AMAZÔNIA..... 89
Simbolismo e a construção teórico-metodológica
em *Princesa do Madeira*..... 91
Gimima Silva
Lúcia Puga

Reflexões possíveis sobre o concreto e o simbólico na relação Cultura e Poder

Gimima Beatriz Melo da Silva¹

Vivemos tempos estranhos! Essa afirmação tem por muitas vezes se repetido em diálogos travados por sujeitos que não se conformam com o nível de acirramento e polarização de visões sobre muitos temas que na atualidade se apresentam, seja na manifestação sobre a política, sobre a religiosidade, sobre as formas de produção artística e até sobre o modo de se ver como sujeito no mundo, a saber: branco ou preto, homem ou mulher, esquerda ou direita, ser natural ou ser social, etc...

Em debates acerca da relação Cultura e Poder, alguns aspectos podem saltar aos olhos quando refletimos sobre conteúdos e formas de produções da cultura, seja no formato de um livro, um filme, uma música ou uma peça teatral. Pressupõe-se aqui que as ideias sejam consideradas como expressão do pensamento não apenas quando surgem no âmbito acadêmico, o que limitaria a possibilidade de construção de reflexões sobre a realidade na qual os indivíduos constroem suas representações sobre o mundo, sobre a política e a condição de cidadania.

Há poemas, filmes, peças, músicas e quadros que constituem um corpo de representações sobre a realidade que não devem ser desconsiderados para referenciar uma reflexão apenas pelo fato de não se terem originado na academia. Neste esforço interpretativo, em que tomamos de empréstimo a base de argumentação própria das Ciências Humanas e Sociais, na qual se inserem autores como Pierre Bourdieu e Max Weber dentre muitos outros, propomos a reflexão

¹ Pós-Doutorado pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (U.PORTO). Doutorado em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em Sociedade e Cultura pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas (PPGICH/UEA).

sobre as formas distintas que os sujeitos utilizam para interpretar a mesma realidade a partir de perspectivas diferentes. O que nos leva a considerar que, muitas vezes, essa situação ocorre pelo fato desses sujeitos partirem de uma visão de mundo condicionada a valores, sejam eles éticos ou estéticos, que findam por determinar a forma como interagem entre si e em relação aos fenômenos da vida em sociedade.

Considerando que a cultura tem significado amplo, e que engloba os modos comuns e aprendidos da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos em sociedade pode-se afirmar que a incorporação das estruturas sociais pelos indivíduos, muitas vezes de origem valorativas, corresponde, conforme assinalado por Bourdieu (2007) à reprodução da sociedade dentro de nós. O *habitus* expressão elaborada por este autor, corresponde assim à interiorização dessas estruturas sociais, de forma tal que o elemento consciente não dá conta dessa estrutura internalizada que fala espontaneamente, muitas vezes sem o filtro necessário da percepção do ser consciente. Assim, o Indivíduo em Bourdieu é uma variante estrutural de um *habitus* de classe.

Em Weber a interação dos atores sociais com a sociedade que os cerca se dá por intermédio da ação social, esta por sua vez, corresponde, segundo este autor, a uma ação plena de sentido, cujo portador desse sentido é o sujeito que age. Assim, realiza Weber uma tipificação das ações sociais, com base na motivação dos sujeitos e neste aspecto, identifica relações aos valores como um dos elementos motivacionais que dariam o sentido a estas ações.

Neste sentido, numa ação social tradicional, que tem sua motivação na obediência à tradição, entendida na reprodução do costume de longa data, sendo a existência histórica por essência, segundo Weber (1979), criação e afirmação de valores, não é possível neste caso deixar de considerar que a tradição impregna valores aos costumes que se reforçam à medida que se repetem pelos sujeitos em suas relações sociais, constituindo assim, uma das referências por intermédio das quais estes sujeitos interpretam o mundo.

Com base nessa perspectiva pode-se tomar como ilustração a música “A Novidade” escrita por Gilberto Gil, para a composição musical de Bi Ribeiro, Herbert Vianna e João Barone no ano de 1986 como uma produção cultural que possui conteúdo propício à

exemplificar essa argumentação que apresentamos. A composição musical em questão, sendo um produto cultural, é exemplar em apresentar uma situação dúbia seguida da múltipla interpretação que ela provoca, e os conflitos que daí decorrem, demonstrando a condição humana como uma existência permeada pelo simbolismo das relações e, sobretudo, por uma realidade plural.

A relação com o simbolismo, que historicamente é determinante na conduta humana, dá a tônica dessa proposta interpretativa, pois é por meio dela que muito se tem expressado a consciência dos indivíduos em sociedade, no sentido de orientar sua relação com outros níveis de interpretação do mundo, como a dimensão das divindades, que se apresenta como uma dimensão presente em todas as formas de organização social que se tem conhecimento.

A fim de realizar a reflexão proposta sobre o conteúdo da letra de “A Novidade”, objeto desse esforço de interpretação, apresentamos a letra completa da canção criada por Gilberto Gil, que já afirmou publicamente ser esta uma de suas mais bem sucedidas composições.

“A Novidade”²

A novidade veio dar à praia,
na qualidade rara de sereia
Metade o busto de uma deusa Maia,
metade um grande rabo de baleia
A novidade era o máximo, do paradoxo estendido na areia
Alguns a desejar seus beijos de deusa
Outros a desejar seu rabo prá ceia
Ó mundo tão desigual, tudo é tão desigual, ôôôôôô
De um lado este carnaval, de outro a fome total, ôôôôôô
E a novidade que seria um sonho,
o milagre risonho da sereia
Virava um pesadelo tão medonho,
ali naquela praia, ali na areia
A novidade era a guerra entre o feliz poeta e o esfomeado
Estraçalhando uma sereia bonita,
despedaçando o sonho prá cada lado
Compositor: Gilberto Gil e Herbert Viana

² Disponível em: < <http://tudoinverso.com/2015/07/23/novidade-analise-de-letras/> >

A princípio, temos uma letra que, embasada na exposição de elementos de contraste, já revela uma situação de possível polarização, tendo em vista que esses pares de elementos contrastivos saltam aos olhos como pares de opostos a partir da visão de mundo dos sujeitos que interagem com a “novidade” narrada na história cantada por Gilberto Gil, esta última já associada a um paradoxo, como podemos ver no quadro a seguir, construído a partir da extração dos termos sublinhados na letra da música:

PERSPECTIVA ESTÉTICA	≠	PERSPECTIVA ÉTICA
POETA	SEREIA	ESFOMEADO
SEREIA	=	SEREIA
DEUSA	NOVIDADE	RABO DE BALEIA
BEIJOS	=	CEIA
CARNAVAL	PARADOXO	FOME TOTAL
MILAGRE RISONHO	=	PESADELO MEDONHO
	GUERRA	

O autor da letra, Gilberto Gil, ao comentar sobre sua produção, afirma seu tom de abordagem social, tendo em vista abordar a questão da desigualdade, considerado por ele como tema da abordagem universitária por excelência.

“O tema da desigualdade sempre fez parte do modo de inserção da minha geração na discussão dos problemas da sociedade; do nosso desejo de expressá-los. Universitário por excelência, o tema é, portanto, anterior e recorrente em meu trabalho. Está em Roda, em Procissão, em Barracos. Agora, em “A Novidade”, a imagem da sereia é que dá a partida para o tratamento da questão; a novidade é essa. Pode-se imediatamente pensar no Brasil, mas é sobre o Terceiro Mundo em geral; mais: sobre todo o ‘mundo tão desigual’, mesmo, de que fala o refrão.”³

Ao refletirmos sobre a figura da sereia na música “A Novidade” este elemento pode corresponder simbolicamente ao efeito do “canto da sereia” que, segundo a mitologia nórdica, encanta o pescador e torna ilusório o mundo que o cerca. Tornamo-nos sob esse

³ Disponível em <http://sombosom.com/conheca-a-historia-da-musica-que-uniu-paralamas-e-gilberto-gil/>

encantamento insensíveis às coisas, deste mundo, aquelas de ordem material, fruto de relações concretas como a fome, a guerra e tantas outras mazelas causadas por relações desiguais.

Um mundo desigual onde uns tentam sobreviver a uma realidade cruel e outros buscam viver seu lado belo e encantador. Esse mundo tão desigual pode ser a sociedade na qual habitamos, onde a fome já não surpreende a muitos, pois que embriagados com a rotina do cotidiano que de nós exige atenção em excesso retarda e bloqueia o desenvolvimento da sensibilidade de enxergar para além dos propósitos que envolvem nosso ser material. Muitas vezes limitado à rotina de trabalhar, receber por isso, comer e “pagar boletos”.

A letra pode refletir assim as relações entre Cultura e Poder determinantes das ações dos sujeitos em sociedade pois, se de um lado a sereia é ser mitológico, e assim concebida pela visão poética de alguns, deveria ser reverenciada ou, com base num desejo mais profundo, possuída por estes que se orientam pelo lado estético e encantador das variadas formas de existência, de outro lado, a sereia nada representa de belo ou divino para quem tem sua existência e visão de mundo determinada pelas condições objetivas de limitação de meios materiais para sobreviver, vendo apenas o lado que lhe interessa desse ser, o lado peixe, que tem mais valor, pois que é comida e assim pode saciar a fome, a sensação mais marcante e determinante na sua percepção sobre as coisas do mundo que o cerca.

Essas duas faces da visão de mundo construída pelos sujeitos em sociedade têm suas formas de reprodução e de afirmação por meio da cultura e entram em choque quando o que determina sua relação com essa “Novidade” é a forma de se relacionar e de se apropriar dela, seja como deusa seja como alimento.

As relações de poder, que transformam em guerra esse embate findam por não encontrar uma inserção dessa novidade na realidade à qual ela veio aparecer, não se encaixa numa realidade desigual onde coisas de natureza dupla não podem coexistir com base numa orientação maniqueísta pregada muitas vezes como única forma possível de explicação para o mundo.

A metáfora da sereia pode ser aplicada a tudo que não se enquadre na visão de mundo dominante, a qual tende a solucionar impasses

dessa natureza suprimindo ou fingindo sua não existência ao não lhes permitir ser incorporadas à ordem vigente, sendo sempre encaradas como “novidade” todas as vezes que assumem alguma visibilidade.

A conformação cultural ou *habitus* de uma sociedade, reflete a incorporação de suas estruturas pelos sujeitos, não restando muito de autonomia para estes se manifestarem e construírem representações sobre os fenômenos, seja por meio de uma visão estética, determinada por instâncias de consagração ou por uma visão ética, oriunda de mediação pelos valores que orientam a forma de apropriação desses fenômenos. O fato é que a metáfora da Sereia revela de forma simbólica que a desigualdade, que é concreta, se reproduz e define a forma de interação dos sujeitos e de sua tomada de posição frente à realidade.

Na esteira da reflexão com base no simbolismo das relações contemporâneas temos a dimensão das reflexões que os textos aqui apresentados provocam. Seja refletindo sobre a relação entre ser natural e ser social no texto *A Amazônia diante do confronto epistêmico entre a rede indígena e o leito de Procrusto: um ensaio irredento em forma de notas filosóficas*, como faz José Alcimar de Oliveira. Seja abordando *A Literatura de Testemunho na Expressão Poética do Poeta Agostinho Neto*, por Airton Souza de Oliveira. Seja refletindo sobre *A construção do “inimigo” vermelho e as origens do anticomunismo no Exército Brasileiro*, como fazem Adriano Freixo e Luiz Otávio Monteiro Júnior, ou ainda refletindo sobre o simbolismo presente nos festejos religiosos na Amazônia em *Simbolismo e a construção teórico-metodológica em Princesa do Madeira*, por Gimima Silva e Lúcia Puga.

De certo que não se pretende encerrar com essas reflexões o quanto há de simbólico nas relações contemporâneas, mas essa pequena mostra demonstra o quanto as Ciências Humanas e Sociais constituem-se em campos do saber que devem permanecer sensíveis em considerar a relação Cultura e Poder como tônica que perpassa nossas relações não só na contemporaneidade, mas em todas as épocas.

Que tenham todos uma boa leitura.

CULTURA, PODER E SIMBOLISMO:
SER NATURAL X SER SOCIAL
NA AMAZÔNIA

Amazônia diante do confronto epistêmico entre a rede indígena e o leito de procrusto: um ensaio irredento em forma de notas filosóficas

José Alcimar de Oliveira⁴

Diante do homem errante, a natureza é estável;
e aos olhos do homem sedentário que palneie submetê-la
à estabilidade das culturas, aparece espantosamente
revolta e volúvel, surpreendendo-o, assaltando-o por vezes,
quase sempre afugentando-o e espavorindo-o.

Euclides da Cunha

O caráter irredento deste ensaio deriva menos do *verbum* (conceito) do que da *res* (realidade), porque não se trata apenas de um exercício conceitual ou de uma crítica à Amazônia construída e objetivada pela recorrente instrumentalidade parcelar da episteme mercantil, mas de uma intervenção intelectual que arranca da incontornável e necessária raiz ontológica da Amazônia, contra a qual incidem os efeitos deletérios da barbárie do capital, legitimada e escamoteada pela episteme da resignação conceitual, não raro emoldurada de sustentabilidade. A afirmação da natureza ontológica do conceito implica, no caso desse irredento ensaio, dar visibilidade epistêmica ao saber originário da Amazônia.

Segundo Olgária Matos, “a competição talvez possa minorar o preço das mercadorias, mas certamente piora os homens” (2006, p.77) Ao que acrescento: tanto quanto as inteligências que deveriam revigorar as Academias. Conceitos podem sempre se revestir de muitas coberturas semânticas. Ao sentido dado é igualmente possí-

⁴ Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). Mestre em Educação (UFAM). Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia – Prof-Filo, da Universidade Federal do Amazonas. Filho dos rios Solimões e Jaguaribe. professoralcimar@bol.com.br